

PNAD ■ Números positivos na cidade chocam-se com
a volta das mazelas na vida rural

O retrato de um país de contrastes

Sabrina Lorenzi

O Brasil se divide em dois países no retrato de 2005 feito pela Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De um lado da fronteira, nas áreas urbanas, houve um *boom* trabalhista com a incorporação de 2,5 milhões de vagas – a maioria com carteira assinada e mão-de-obra qualificada. A informalidade diminuiu, a renda cresceu pela primeira vez em 10 anos e a jornada de trabalho dos mais sobrecarregados foi reduzida.

A melhoria no perfil do mercado de trabalho, contudo, passou longe do campo. A crise na agricultura reduziu a participação do emprego agrícola na população ocupada e, mais grave, aumentou o trabalho infantil. Um retrocesso após 12 anos consecutivos de retirada de crianças do mercado.

– Com a queda na renda no campo, mais braços na própria família são necessários. As crianças acabam tendo de trabalhar para agricultura de subsistência, para ajudar a família a se sustentar – justificou o presidente do IBGE, Eduardo Nunes.



“As crianças acabam tendo de trabalhar na agricultura de subsistência para ajudar a família

Eduardo Nunes,
presidente do IBGE

O trabalho infantil deu um salto de 10,3% no ano passado. Cerca de 252 mil crianças de 5 a 14 anos que não trabalhavam em 2004 passaram a fazê-lo em 2005. O crescimento é mais intenso nas regiões Sul e Nordeste, onde a seca prejudicou mais rigorosamente as plantações. A região Sudeste foi a que deteve menor número de crianças trabalhando (8,6%), vindo em seguida a Centro-Oeste (10,5%). No outro extremo, ficou o Nordeste (15,9%), seguido pela região Sul (14%). O percentual na região Norte foi de 13,1%.

O dado contrasta com o crescimento do Bolsa-Família, que aumentou de 6,5 milhões para 8,7 milhões o total de famílias beneficiadas. A Pnad mostra que 77% das crianças ocupadas de 5 a 9 anos estão em atividades agrícolas.

Professor de Economia da BDO Trevisan Escola de Negócios, Alcides Leite Junior, pondera, entretanto, que a pesquisa mostra que não houve aumento da evasão escolar.

— A queda na inflação se refletiu diretamente na melhoria real de renda da população — disse.
— Precisamos de políticas claras e bem dirigidas para alcançarmos o patamar ideal.

■ Mais Pnad nas págs. A22

A desocupação ocorreu por causa da procura e do próprio aquecimento do mercado

Vandeli Guerra,
coordenadora da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)

O governo atacou a desigualdade com duas frentes: programas sociais e alta do mínimo

Marcelo Néri, coordenador dos estudos sociais da FGV

A queda na inflação se refletiu diretamente na melhoria real de renda da população

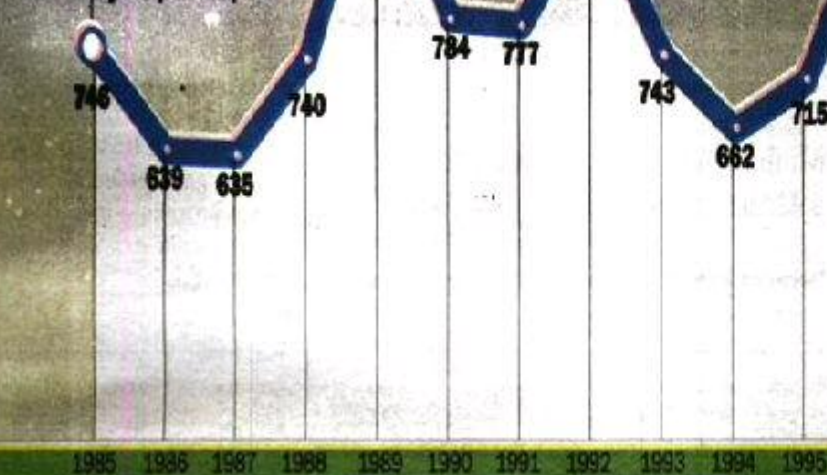
Alcides Leite Junior,
professor de Economia da BDO Trevisan Escola de Negócios

Retrato do Brasil

DESIGUALDADE EM QUEDA



RENDIMENTO MÉDIO MENSAL, DESCONTADA A INFLAÇÃO (em R\$)



2,5 milhões

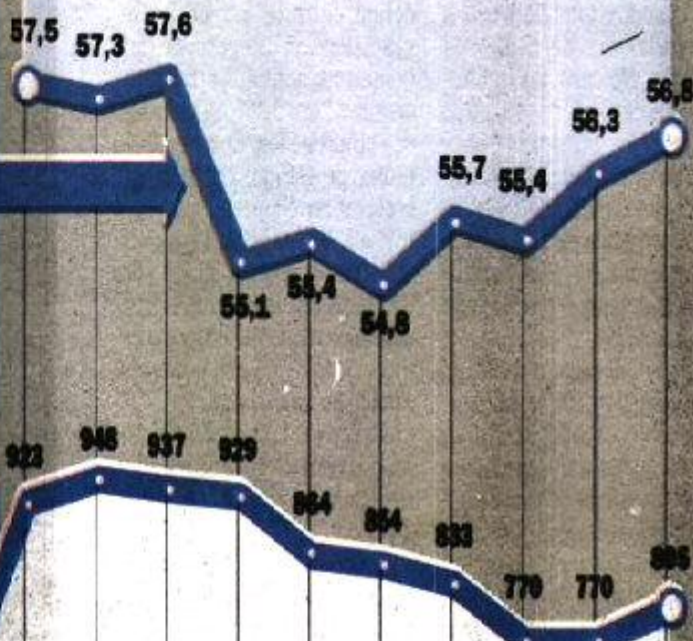
de pessoas conseguiram emprego entre 2004 e 2005, o que representa um crescimento de 2,9%

1,3%

milhão dessas pessoas são mulheres

NÍVEL DE OCUPAÇÃO*

(% da população com 10 anos ou mais)



12,2%

é o percentual de crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, que trabalham

10,3%

é o crescimento observado no trabalho infantil entre 2004 e 2005

1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005

PNAD ■ Número de pessoas ocupadas cresce, mas sem recuperar perdas dos últimos anos

Nível de emprego em recuperação

Sabrina Lorenzi

O nível de emprego retomou no ano passado o lugar perdido na última década, marcada por fusões e aquisições de empresas. De acordo com o IBGE, a ocupação alcançou 56,8% da população com 10 anos ou mais de idade. É o maior patamar desde 1995, quando o total de pessoas empregadas era de 57,6% da população. No caso das mulheres, o percentual de 46,4% é histórico.

A ocupação cresceu 2,9% no ano passado, mas não foi suficiente para absorver toda a procura por emprego. Resultado: a taxa de desemprego cresceu de 8,9% para 9,3%.

— Não podemos considerar essa taxa para fazer um julgamento do mercado de trabalho, pois a desocupação ocorreu por causa da procura e do próprio aquecimento do mercado — afirma Vandeli Guerra, da coordenação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Outros fatores sustentam a melhoria no perfil do mercado de trabalho. O rendimento cresceu pela primeira vez em dez anos. A renda média do trabalho chegou a R\$ 805 em 2005, depois de registrar R\$ 770 em

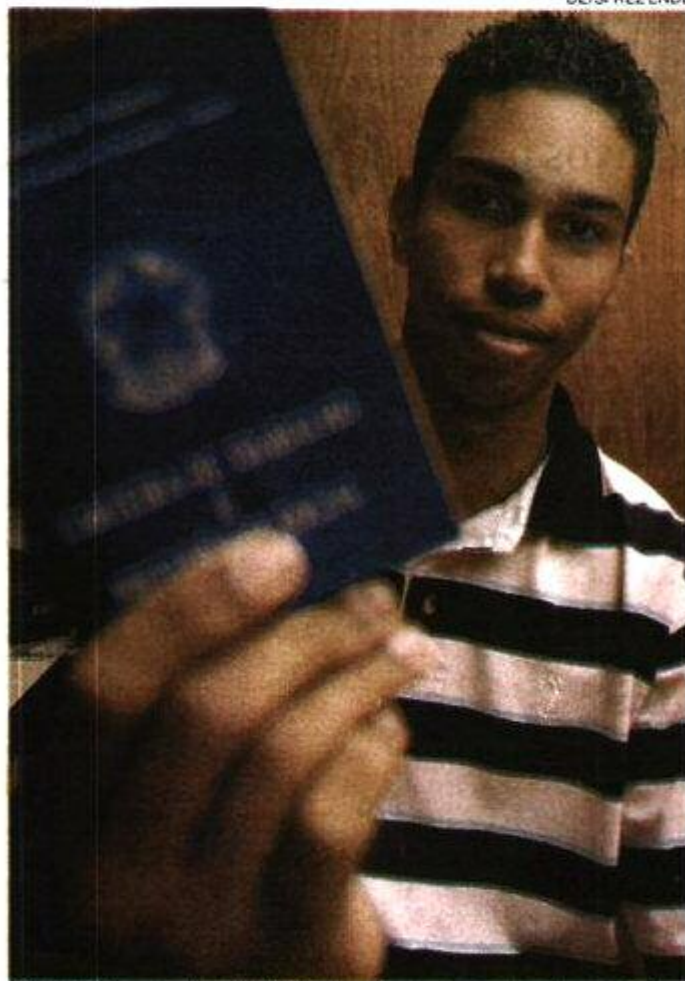
2004. A alta, porém, não cobriu as perdas salariais que marcaram a segunda metade dos anos 90 e o início da década atual, ao contrário do que aconteceu no nível de emprego.

O aumento da renda está relacionado ao surgimento de vagas qualificadas. Os cargos de chefia foram os que mais cresceram entre as categorias investigadas. A categoria de dirigentes aumentou participação de 4,8% para 5,1% no universo dos empregados. Em relação ao tempo de estudo, a parcela que cresceu na ocupação foi a que trata de pessoas com 11 anos ou mais de estudo, de 33,7% para 35,4%. As pessoas sem instrução ou com menos tempo de estudo, por outro lado, perderam espaço no mercado.

Cerca de 1,3 milhão de empregos com carteira de trabalho assinada foram criados em 2005.

— Não cheguei a ficar desempregado; dei um salto de emprego, que triplicou a minha renda. Agora tenho um salário melhor e carteira assinada — comemora Diogo Conceição de Menezes, 20 anos, atendente de câmbio.

■ Leia e opine no **JB Online**.
www.jb.com.br/24 horas



Diogo não perdeu o emprego e passou a ganhar mais

“Minha renda triplicou. Agora tenho um salário melhor e carteira assinada

Diogo Conceição de Menezes, 20 anos, atendente de câmbio

■ Brasil fica menos desigual

A desigualdade recuou mais uma vez em 2005, desta vez com o empurrão do aumento do salário mínimo. A diferença entre ricos e pobres vem diminuindo ano a ano, desde 1995. Nos últimos dez anos, a parcela da renda dos 50% que recebem menos passou de 13,4% para 16,3%. Na outra ponta da pirâmide social, os 10% que ganham mais viram a renda recuar de 47,1% em 1995 do total para 44,7% em 2005. Os 20% mais pobres aumentaram o rendimento de 3,1% do total para 3,6% da renda de todo o trabalho do país.

– O governo atacou a desigualdade com duas frentes: programas sociais para crianças e previdência, com aumento do mínimo para idosos – afirma Marcelo Neri, chefe do centro de Estudos Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV).

A Pnad mostra que o Índice de Gini foi de 0,544 em 2005, o menor grau desde 1981. Quanto mais próximo o índice está de zero, menor a concentração de renda. (S.L.)